

# Por uma ontologia plural de vozes singulares: o embate de Adriana Cavarero com a metafísica

*Vozes plurais: filosofia da expressão vocal.*

CAVARERO, Adriana.

Belo Horizonte: UFMG, 2011. 312 p.

Em *Vozes plurais: filosofia da expressão vocal*, Adriana Cavarero subverte a história da metafísica ocidental com uma análise filosófica com ramificações interdisciplinares nas áreas de música, literatura, oralidade e voz, propondo outro modo de pensar a relação entre *logos* e política, por meio de uma ontologia antimetafísica baseada na pluralidade de vozes singulares. A voz é plural justamente porque é única, incorporada, contextual e relacional.

Docente de Filosofia Política na Universidade de Verona, Cavarero é atualmente uma das pensadoras mais importantes da Itália. Nascida em 1947, a filósofa feminista foi fortemente influenciada pelo pensamento de Hannah Arendt (1906-1975) e é autora de diversos livros, infelizmente não traduzidos para o português até hoje: *Nonostante Platone* (1990); *Corpo in figure. Filosofia e politica della corporeità* (1995); *Tu che mi guardi, tu che mi racconti. Filosofia della narrazione* (1997); e *Orrorismo ovvero della violenza sull'inerme* (2007). A pesquisa desenvolvida por Cavarero tem como base a filosofia clássica metafísica e a filosofia política de Hannah Arendt. Desenvolvendo um pensamento complexo e profundo que subverte paradigmas históricos de discursos hegemônicos, Cavarero produz uma obra com um forte cunho feminista.

O pensamento de Cavarero é marcado por diversos temas presentes na filosofia política de Arendt, aprofundando-os e elaborando-os. Em *Vozes plurais*, ela parte de questões caras a Arendt em seu texto *A condição humana*, no qual desenvolve categorias como a pluralidade humana, seres singulares, ação e discurso. Arendt identifica na "pluralidade humana a condição básica da ação e do discurso" (188), afirmando que "a pluralidade humana é a paradoxal plu-

ralidade de seres singulares" (p. 189). Para a autora, todo ser humano revela a sua identidade única e pessoal através das suas ações e dos seus discursos, e é através da ativação desses discursos e ações que o ser humano se distingue dos outros. Essa distinção singular que é ativada pelos discursos e pelas ações de um sujeito é sempre relacional, em relação aos outros, e é, portanto, política, porque ocorre no coletivo. Todavia, para Arendt, é "o discurso", e não a ação, que efetivamente "corresponde ao fato da distinção" (p. 191). Para ela, é "o discurso" que possibilita a distinção na "condição humana de pluralidade" (p. 191), ou seja, é ele que nos permite sermos distintos e agirmos politicamente entre seres humanos.

Em *Vozes plurais*, Cavarero, que também incorpora um conhecimento dos estudos de oralidade, não vai se utilizar da categoria "o discurso", mas sim da categoria "a voz". Todavia, a sua definição de voz é complexa, elaborada, e parte em outras direções: a subversão da metafísica, a corporeidade e a política. Esses três aspectos estão ligados entre si na elaboração da sua tese, que é desenvolvida em três partes: *Como o logos perdeu a voz*, *Mulheres que cantam* e *Por uma política das vozes*.

Em *Como o logos perdeu a voz*, a autora "desconstrói" a metafísica instaurada por Platão e Aristóteles, cujas formulações destituíram o *logos* de qualquer corporeidade e, portanto, da materialidade da voz, circunscrevendo-o à esfera do pensamento. Para ela, "a história da metafísica deveria ser finalmente contada como a estranha desvocalização do *logos*" (p. 58). Cavarero nos explica que, na Grécia antiga, a palavra *logos* derivava do verbo *legein*, que tinha uma acepção acústica e significava: "falar", assim como "ligar", "contar", "recontar" (p. 43). Platão e Aristóteles desconsideram o aspecto acústico da palavra e mantêm a definição de *logos* como *ligação*, ou seja, a linguagem como sistema de significação, no qual, através de um processo mental, a palavra representa o objeto *ligando-a* a uma imagem. A metafísica aprisiona a voz à esfera semântica, que, por sua vez, é subordinada à esfera visual e, desse modo, transferida à mente (p. 45). A história da meta-

física tem o seu ponto alto no pensamento cartesiano, no qual o pensar é a condição para o existir, e, nesse seu processo, nega a sua própria matéria, instaurando-se como desvocalização ontológica. Segundo Cavarero, para a filosofia metafísica desvocalizante, “o pensamento não tem voz, não invoca nem fala: *cogita*” (p. 203).

Dois questões importantes são desdobradas pela autora a partir dessa “desconstrução” do pensamento hegemônico metafísico: política e prazer. Um ponto fundamental se reflete na política individualista de negação do outro, instaurada pela metafísica. Ao sacrificar o aspecto relacional da voz, da emissão e da audição, relegando a palavra à esfera do pensamento, a metafísica não tem que se preocupar com a existência do outro (p. 65). A relação entre *logos* e política, estabelecida por Platão e Aristóteles, leva ao desenvolvimento de uma política egoísta, centrada no indivíduo, e não no sujeito, porque o sujeito se constitui politicamente numa relação singular com outros sujeitos. Na contra-mão da metafísica, Cavarero propõe uma política ontológica antimetafísica fundada na singularidade plural da voz que se comunica com outras singularidades vocais.

O segundo desdobramento trazido por Cavarero ao encerrar a primeira parte da sua obra aponta o temor platônico pela carnalidade vocal que invoca o prazer libidinal e o descontrole da razão (p. 107). Ela indica que o canto produzido pelo poeta Homero encanta e produz um prazer acústico com a voz. Fazendo uma ligação entre a épica e o canto associados ao prazer, a autora vai desenvolver a segunda parte da sua obra, que se intitula *Mulheres que cantam*, através da análise de materiais poéticos, musicais e literários, elaborando relações entre voz, canto, erotismo, materialidade musical da língua e o controle político por meio da música. O cantar poético, nem sempre por mulheres, é associado ao universo feminino.

Fazendo uma passagem do universo platônico e aristotélico e procurando resgatar a vocalidade subjugada pela metafísica, Cavarero inicia essa segunda parte dando voz às Musas e às Sereias, figuras femininas emblemáticas da antiga Grécia, relacionadas à voz e ao prazer do canto. Musas e Sereias são vistas como perigosas, e, devido aos seus poderes encantatórios, as suas vozes são caladas. Aquelas não têm lugar na república de Platão, visto que o poeta é expulso, e são substituídas pelo filósofo, que tem acesso à verdade (p. 122). Nas representações ocidentais das Musas e das Sereias (p. 131), as primeiras continuam “a ‘inspirar’ versos a

poetas que, a rigor, não cantam mais” (p. 131), e as segundas são relegadas à condição de pura voz desprovida de semântica. Ambas perigosas, mas em graus diferentes: as Musas só podem ser ouvidas pelos poetas e, portanto, vinculam algo de perigoso; e as Sereias, com seus poderes encantatórios, podem levar à morte por meio de cantos muitas vezes com tons eróticos (p. 131).

Explorando as vozes que cantam, Cavarero aborda as do melodrama; a voz do texto poético a partir de Julia Kristeva, para quem a linguagem está inscrita nas pulsões libidinais do corpo (p. 167); e a “escritura feminina” de Hélène Cixous, que passa por uma língua musical que explode a sintaxe e é relacional porque passa pelo pessoal, um autobiográfico que não segue o estilo tradicional da autobiografia. Embora o cantar não seja restrito às mulheres, ele vem associado a um elemento feminino, que Cavarero exemplifica por meio de uma citação da escritora francesa Cixous, que afirma: “aquilo que canta num ‘homem’ não é ele, é ela” (149). Para Cavarero, também canta o poeta caribenho Edward Kamau Brathwaite, mas em inglês, num idioma colorido e subvertido pelo *creole English* e o *nation language*, que é a língua dos afro-caribenhos. Segundo Brathwaite, a vocalidade se molda influenciada pelos sons do seu ambiente.<sup>1</sup>

Em contraponto à liberdade, corporeidade, subversão e erotismo presentes nas vozes que cantam nessa segunda parte, Cavarero a encerra com uma análise da submissão, feita por Platão, da música à esfera política na qual o *logos* é desvocalizado. A música não é vista por ele a partir de um universo sonoro, e sim numérico, retirando qualquer analogia ao prazer do som. Àquela é dada a tarefa de disciplinar o *logos* (p. 190). A metafísica platônica instaura uma política baseada num *logos* desvocalizado, individualista e centrado na visão.

Em confronto com essa concepção, Cavarero desenvolve a terceira e última parte do seu livro, *Por uma teoria das vozes*. É nela que a autora desenvolve a sua teoria política de uma ontologia vocálica da unicidade, subvertendo a relação estabelecida entre *logos* e política pelo pensamento hegemônico da metafísica. Para ela, é preciso revocalizar o *logos*, permitindo que se instaure uma política relacional singular e não individualista, isto é, plural. A esfera política emerge na comunicação estabelecida pela pluralidade de vozes singulares corpóreas, que não são discursos abstratos desencarnados, mas que se efetivam nas vozes singulares que se relacionam e que

são sempre parte de um corpo. A voz, que ancora a palavra no corpo, tornando-a única e pessoal, é central na teoria de Cavarero para subverter o nó criado pela metafísica entre *logos* e política.

É uma pena que a obra de Adriana Cavarero não tenha tido, até hoje, visibilidade entre os/as pensadores/as feministas e de gênero. A sua obra possui grande rigor na sua empreitada, é de grande escopo, abrangendo a filosofia, a música, a literatura, a oralidade e a voz, e, no Brasil, só foi assimilada por estudiosos de música, teatro e oralidade. Até o momento, não houve qualquer resenha do livro em nenhuma das áreas por ele abarcadas. É provável que a sua obra não tenha gerado interesse, ainda que desconhecida, entre os/as teóricos/as feministas e de gênero, porque Cavarero faz parte da assim chamada corrente diferencialista. Todavia, catalogá-la dentro da corrente diferencialista e ignorá-la é um desserviço às discussões correntes feministas e de gênero. A sua investida contra os alicerces do pensamento metafísico ocidental, subvertendo-o ao propor uma ontologia antimetafísica fundada na pluralidade de vozes singulares corpóreas, contextualizadas e relacionais, permite uma teorização da singularidade do sujeito que dialoga com as teorias *queers*, de gênero e feministas, sejam elas diferencialistas ou igualitárias. Ainda que Cavarero possa associar a materialidade da voz ao feminino, isso é um desdobramento possível

na sua formulação teórico-político-relacional, mas que não exclui a viabilidade de outros prolongamentos.

Entre as *mulheres que cantam*, Cavarero identifica vozes singulares de mulheres e de homens, que, na minha perspectiva, não precisam necessariamente estar associados ao aspecto feminino. Essas vozes são singulares e destoam do discurso hegemônico e, justamente por serem *sui generis*, não cantam em uníssono. A sua teoria abre espaço para muitas outras vozes na pluralidade de gêneros, as quais não têm que se ater ao gênero feminino ou masculino, ainda que possam, de acordo com a singularidade, clamar por um/a, outro/a, ambos, nenhum. É no espaço relacional entre a voz de um sujeito e o ouvido de outro que emerge o político. Quem é o sujeito? É a sua voz – corpórea, semântica, contextual, relacional, singular – que o identifica.

#### Nota

<sup>1</sup> Edward Kamau BRATHWAITE, 1984, citado por CAVARERO, 2011, p. 149.

#### Referências

ARENDET, Hannah. *A condição humana*. 10. ed. e 6. reimp. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

Isabella Irlandini ■  
Universidade do Estado de Santa Catarina